

A MATERIALIDADE DA ESCRITA: A LETRA E IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM

Lynn Mario T. Menezes de Souza (Universidade de São Paulo)

As discussões atuais sobre letramento se afastaram dos temas anteriores da escrita como tecnologia e as idéias subseqüentes da chamada “grande divisa” oralidade/escrita para focalizarem questões mais relacionadas a praticas de leitura e escrita em contextos sócio-culturais específicos; nesta apresentação procuro abordar o que chamo, em termos bakhtinianos, de “materialidade” da escrita, isto e, como o conceito de escrita alfabética, (seja em termos de tecnologia ou de pratica) esta intimamente ligado a um determinado conceito fonocêntrico da linguagem; procuro mostrar que essa visão da escrita acaba prejudicando culturas não-fonocêntricas e pode ate mesmo prejudicar formas e usos atuais da linguagem em nossa própria cultura

EM DIREÇÃO À PALAVRA: O MOVIMENTO DAS HIPERSEGMENTAÇÕES NA ESCRITA INFANTIL

Lourenço Chacon (Unesp/Marília)

Tradicionalmente as hipersegmentações são vistas como segmentações *para mais* de palavras. Nossa hipótese é a de que as hipersegmentações são marcas características ou índices de movimentos de um processo em construção: o da aquisição da escrita. Para confirmá-la, apresentaremos ocorrências de hipersegmentações extraídas de um conjunto 451 textos produzidos em contexto escolar por 40 crianças (18 meninas e 22 meninos) da primeira série de uma escola fundamental, fundamentados em propostas temáticas desenvolvidas com base em gêneros textuais como: relatos, cartas, narrativas, listas, descrições, receitas etc. Para análise, foram selecionadas todas as produções textuais realizadas no período de Março a Novembro de 2001 (já que não foram realizadas coletas nos meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro devido a períodos de recesso e férias escolares), totalizando quatorze propostas temáticas. Observações preliminares sobre os dados indicam que a estrutura das hipersegmentações sofre deslocamentos, embora se possa localizar nesses deslocamentos a ação do componente prosódico da linguagem ou das convenções ortográficas. Tais deslocamentos sugerem que a noção de palavra, na escrita, emerge do trânsito do sujeito escrevente por múltiplas práticas de oralidade e de letramento (dentro e fora do contexto escolar).

LETRAMENTO E AUTORIA- UMA PROPOSTA PARA CONTORNAR A QUESTÃO DA DICOTOMIA ORAL/ESCRITO.

Leda Verdiani Tfouni (Universidade de São Paulo)

Do meu ponto de vista, a separação usual entre língua oral e língua escrita não se presta a explicar o fato de que sujeitos analfabetos conseguem estruturar oralmente textos muito elaborados, enquanto que muitos sujeitos alfabetizados e com alto grau de escolaridade são incapazes de redigir uma seqüência que tenha continuidade e completude. Para dar conta disso, é preciso pensar em níveis ou graus de letramento. Há tempos venho trabalhando com a noção de autoria relacionando-a ao conceito de níveis de letramento. Nesse percurso, elaborei uma proposta segundo a qual a autoria de um texto se instaura quando o sujeito do discurso ocupa uma posição que lhe permite lidar com a dispersão e aceitar a deriva que sempre se instala. A questão da autoria vem sendo discutida com ênfase pela Análise do Discurso (AD) desde Foucault e seu já clássico " *Quest-ce qu'un Auteur?*" Desde princípio organizador do texto, até posição discursiva, o autor é sempre apresentado um pouco ainda como se fosse o escritor, ou seja: aquele que produz uma escrita que vai ser lida em um momento deslocado. Neste trabalho, pretendo contribuir para esta questão trazendo para o debate a noção de autor enquanto intérprete. A fim de aprofundar essa proposta, mobilizarei conceitos que se situam na fronteira entre a AD e a psicanálise lacaniana, tendo por base científica a noção de real, que em AD supõe a história, e na psicanálise vem colocar o conceito de "lalangue". Apresentarei o autor enquanto intérprete na medida em que pretendo mostrar que, nesta posição, o sujeito realiza a tarefa do analista, qual seja, pontua a cadeia significativa em lugares específicos onde é possível fazer uma retroação e, deste modo, estabelecer ponto-de-estofo. Ilustrarei estas manobras de ancoragem enunciativa, através da análise de genéricos, tal como ocorrem nas narrativas orais de uma mulher analfabeta contadora de histórias. Poderemos observar que nessas narrativas o sujeito faz uso de fórmulas já prontas na memória coletiva, como por exemplo "Homem não chora", a fim de estabelecer ponto-de-estofo na cadeia significativa e deste modo controlar o relançar infinito da significação, que iria constituir a deriva. É assim, nestes lugares onde língua e história de encontram, que a autoria se instala, só tendo sido possível pelo processo de retroação, o que coloca o autor como intérprete de seus enunciados, processo esse que não está garantido pela alfabetização, mas antes pelo letramento, tal como venho discutindo em outros trabalhos.